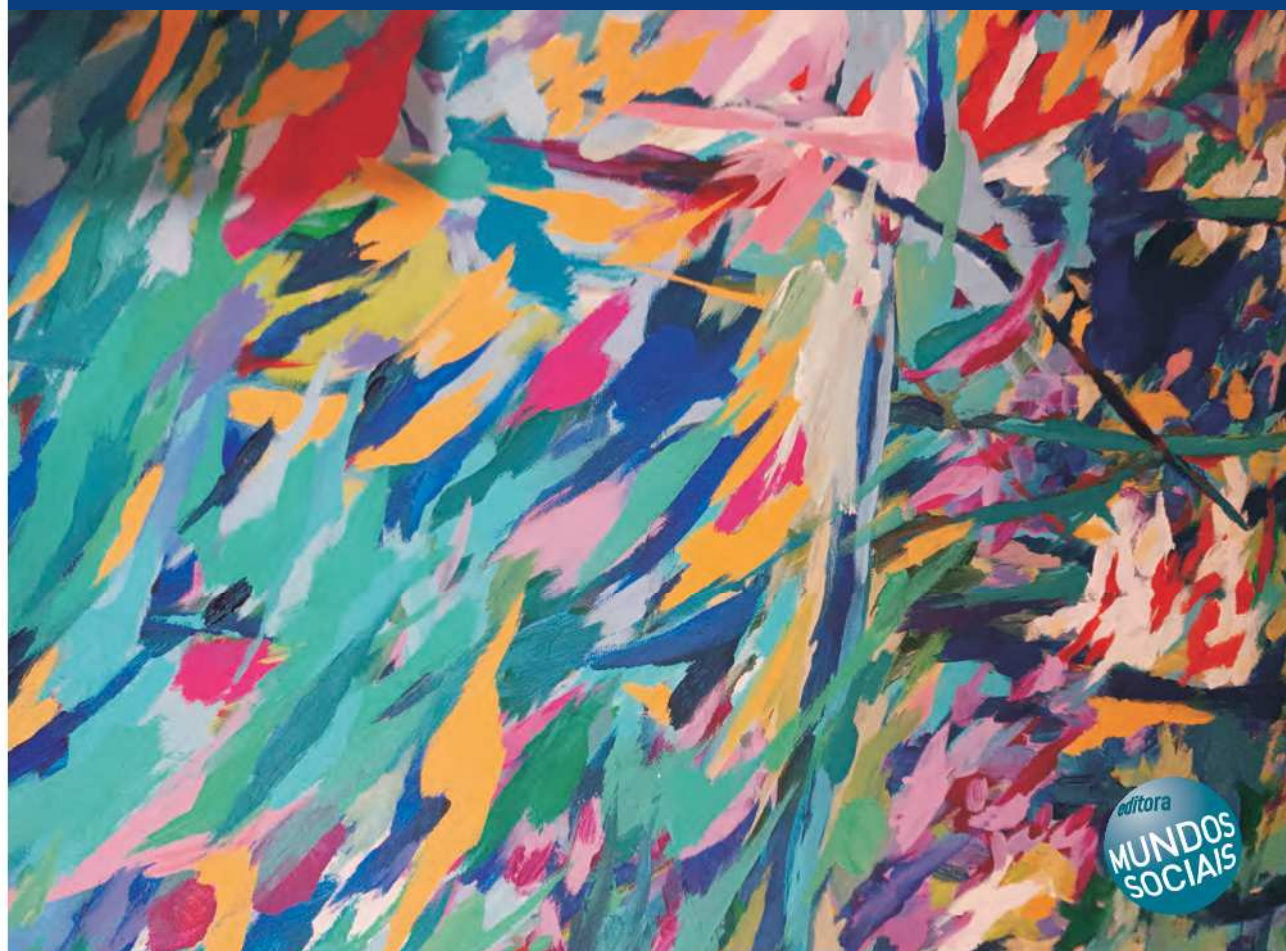


Maria Manuela Mendes (org.)

Ciganos/Roma e Educação

Investigação colaborativa
e práticas de coprodução de conhecimento



Ciganos/Roma e Educação
Investigação colaborativa e práticas de coprodução de conhecimento

Maria Manuela Mendes (coord.)

CIGANOS/ROMA E EDUCAÇÃO

INVESTIGAÇÃO COLABORATIVA E PRÁTICAS
DE COPRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Maria Manuela Mendes
Olga Magano
Pedro Caetano
Pedro Candeias
Susana Mourão
Sara Pinheiro



LISBOA, 2023

© Maria Manuela Mendes (coord.), 2023

Maria Manuela Mendes (coord.)

Ciganos/Roma e Educação. Investigação colaborativa e práticas de coprodução de conhecimento

Primeira edição: maio de 2023

ISBN: 978-989-8536-85-3

Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10
Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso
Capa: Lina Cardoso
Imagem da Capa: Éden de Maria Caetano

Revisão de texto: Ana Valentim

Impressão e acabamentos: Europress, Ld.^a

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES-Iscte, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa,
Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel.: (+351) 210 464 410
E-mail: editora.cies@iscte-iul.pt
Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Índice de figuras e quadros	v
Sobre os autores.....	vii
1 Novos caminhos teórico-metodológicos na investigação com pessoas ciganas.....	1
<i>Maria Manuela Mendes</i>	
PARTE I JOVENS ESTUDANTES E ESCOLA	
2 Aspirações e trajetórias escolares de jovens ciganos/as. Dando voz/es aos/às protagonistas	11
<i>Maria Manuela Mendes, Susana Mourão, Olga Magano e Sara Pinheiro</i>	
3 Perspetivas sobre a escola e aspirações de mobilidade social. Dando voz/es aos/às protagonistas	39
<i>Maria Manuela Mendes, Olga Magano, Susana Mourão, Pedro Caetano e Sara Pinheiro</i>	
PARTE II CONTEXTOS INSTITUCIONAIS: ESCOLA, SERVIÇOS DE EMPREGO E/OU FORMAÇÃO PROFISSIONAL	
4 Investigação em contexto escolar	61
<i>Pedro Caetano, Manuela Mendes, Sara Pinheiro, Susana Mourão, Pedro Candeias</i>	
5 Investigação sobre os contextos de emprego e formação	91
<i>Pedro Candeias, Manuela Mendes, Olga Magano, Susana Mourão, Sara Pinheiro e Pedro Caetano</i>	

**PARTE III | INVESTIGAÇÃO-AÇÃO: PRÁTICAS COLABORATIVAS
E DE COPRODUÇÃO**

6	Contributos para o desenho de políticas públicas (mais) equalitárias.....	111
	<i>Maria Manuela Mendes, Olga Magano e Susana Mourão</i>	
7	Conclusões e recomendações no plano das medidas e políticas públicas.....	137
	<i>Maria Manuela Mendes, Olga Magano, Pedro Caetano, Pedro Candeias, Sara Pinheiro e Susana Mourão</i>	

ANEXOS

	Notas metodológicas	147
	Guião de entrevista aos/às estudantes ciganos/as a frequentar o ensino secundário	155
	<i>Workshops</i> em escolas.....	161

Capítulo 6

Contributos para o desenho de políticas públicas (mais) equalitárias

Maria Manuela Mendes, Olga Magano e Susana Mourão

Estratégias para o sucesso escolar de estudantes ciganos/as

Além de identificar e compreender os fatores condicionantes e os facilitadores dos percursos de continuidades escolar de estudantes ciganos/as do ensino secundário, e numa lógica de investigação-ação, pretendíamos, ainda, desenvolver e implementar atividades de formação que envolvessem de forma ativa e coparticipada jovens (ciganos/as e não ciganos/as), docentes e outros/as profissionais (Innes e Bohrer, 2004; Whyte, 1991) no sentido de ativar um ciclo iterativo de pesquisa, ação e reflexão no sentido de promover inovação social (Devisch, Huybrechts e Ridder, 2019).¹ Assim, e atendendo ao levantamento de necessidades que a pesquisa descrita nos capítulos 4 e 5 possibilitou e que correspondem às fases preliminares do trabalho de terreno, foi desenvolvida uma ação de formação para docentes do ensino básico e secundário acerca da diversidade e cidadania, com o objetivo último de promover o sucesso escolar de estudantes ciganos/as. Os conteúdos e estratégias pedagógicas adotados nesta formação, e que serão readaptados para lecionação a outros profissionais, que não docentes, serão descritos em seguida.

Foram, também, levados a cabo *workshops* em escolas, algumas delas com elevada frequência de estudantes ciganos/as, que pretendiam uma maior valorização da diversidade enquanto oportunidade de aprendizagem coletiva e cujos principais destinatários foram os estudantes do ensino secundário. Os objetivos, atividades e recursos mobilizados nestas sessões de *workshop* serão, também, pormenorizados adiante.

Finalmente, e atendendo a um dos objetivos estruturantes deste projeto de investigação, desenvolvemos uma proposta de desenho de uma formação escolar e/ou profissional modular com certificação ao nível do ensino secundário, direcionado a jovens (ciganos/as e não ciganos/as) que abandonaram precocemente o sistema escolar e/ou com percursos marcados por trajetórias escolares insucessadas,

1 Para mais desenvolvimentos sobre a estratégia metodológica adotada, sugere-se a consulta das Notas Metodológicas no Anexo 1.

ajustada às suas reais necessidades e interesses e que será dada a conhecer no ponto relativo à proposta para a Formação de Jovens em Abandono Escolar Precoce.

Propostas para a formação de docentes sobre diversidade e cidadania

Os inquéritos realizados a profissionais dos agrupamentos escolares das áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, cujos dados foram descritos de forma detalhada no capítulo 4, evidenciam o desconhecimento de professores/as dos diferentes ciclos de ensino em relação a questões que versam sobre a diversidade e interculturalidade, em particular em domínios sobre a história, cultura e modos de vida das pessoas ciganos. Numa escala de 5 pontos, em que 1 representa um total desconhecimento e 5 um total conhecimento, os/as inquiridos/as indicaram um conhecimento médio de 2,8 acerca da cultura cigana; ou seja, abaixo do ponto intermédio (3), que representa algum conhecimento. Além disso, cerca de 30% referiram, ainda, possuir muito pouco conhecimento sobre a área em causa, sobretudo docentes mulheres e/ou que nunca tinham lecionado em turmas com presença de estudantes ciganos/as. Esse desconhecimento provém, provavelmente, da inexistência de formação disponível nas áreas descritas, uma vez que 94,3% dos/as inquiridos/as referiram nunca ter frequentado um curso de formação sobre cultura, história e modos de vida das pessoas ciganas, por várias razões, em que se destaca a perceção de pouca oferta formativa. Ainda assim, importa realçar que muitos/as dos/as inquiridos/as (65,7%) indicaram ter disponibilidade e interesse para frequentarem formação na área da cultura cigana, sobretudo quem já tinha experiência de lecionação com estudantes ciganos/as e/ou quem tinha alguns/mas estudantes ciganos/as no seu agrupamento escolar. Estes dados recolhidos no âmbito do projeto e cruzados com a revisão da literatura focada sobre insuficiências e lacunas na formação docente sobre diversidade e multiculturalismo (Ringol, Orenstein, Wilkens, 2005; Georgiadis, Fokion e Zisimos, 2012; Zachos, 2017) permitiram, então, realizar um levantamento e diagnóstico das necessidades formativas dos/as docentes na área da diversidade e multiculturalismo, o que impulsionou o desenho e implementação da formação que foi acreditada pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (1 ECTS) intitulada “Educar para a diversidade e cidadania: estratégias para o sucesso escolar dos/as estudantes ciganos/as”, destinada a professores/as do ensino básico e secundário.²

Também os objetivos e conteúdos desta formação tiveram em conta o levantamento de necessidades realizado na etapa anterior de pesquisa, uma vez que foram apontadas como áreas preferenciais para o desenvolvimento de conhecimentos e competências sobre temas relacionados com história e cultura cigana (75,4% dos casos), questões de género (62,6%) e educação informal (61,7%). Assim, a formação

2 Nos termos do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, esta formação foi acreditada pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua, entidade responsável por proceder formalmente à acreditação das entidades formadoras e das ações de formação contínua de professores, com o registo de acreditação CCPFC/ACC-112183/21, e decorreu *online*, na plataforma da Universidade Aberta, com sessões síncronas e assíncronas.

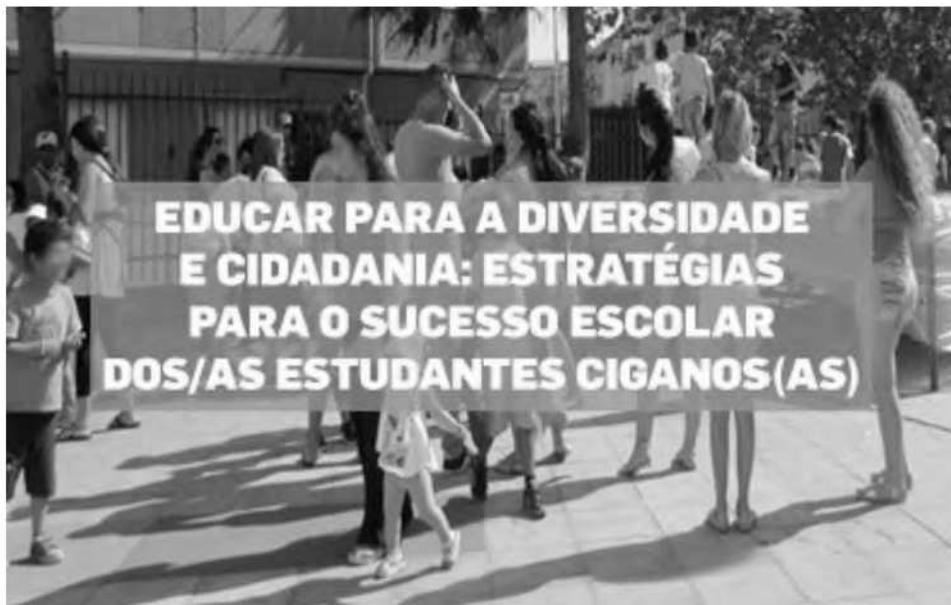


Figura 6.1 Formação acreditada para docentes: Educar para a diversidade e cidadania: estratégias para o sucesso escolar dos/as estudantes ciganos/as

Fonte: Projeto EduCig, 2021.

desenvolvida e implementada teve como principal objetivo dotar os/as docentes com conhecimentos e competências sobre a cultura, história e modos de vida dos/as ciganos/as, para que possam responder da melhor forma possível aos desafios atuais que se colocam à escola na contemporaneidade e promover práticas de uma cidadania ativa, bem como o sucesso educativo dos/as estudantes, independentemente da sua origem social, étnica e cultural. Isto considerando, também, que existe, por parte de professores/as e outros/as técnicos/as, como ficou evidente nos capítulos anteriores, uma sobrerresponsabilização das famílias ciganas pelas trajetórias de insucesso e abandono escolar precoce dos/as estudantes ciganos/as (Mendes e Magano, 2016; Rostas e Kostka, 2014), tendo também os/as docentes, habitualmente, baixas expectativas escolares em relação a estes/as estudantes (Mendes, Magano e Costa, 2020).

Mais especificamente, a formação de docentes pretendeu disponibilizar informação de carácter sociológico acerca das pessoas ciganas em Portugal e sobre os seus principais traços culturais, considerando também diversidades sociais e regionais, e dar a conhecer diferentes perspetivas sobre uma realidade social complexa, marcada pela estigmatização, racismo e discriminação social; contribuindo, assim, para a desconstrução de estereótipos e preconceitos acerca das pessoas ciganas, largamente enraizados e difundidos na sociedade portuguesa (Marques, 2013; Magano e Mendes, 2021).

O levantamento de necessidades realizado permitiu, ainda, concluir que os/as inquiridos/as com maior conhecimento sobre história e cultura cigana tendem a valorizar estratégias e recursos pedagógicos mais inovadores como meios para promover o sucesso escolar de estudantes ciganos/as, nomeadamente um trabalho de aproximação e envolvimento com os/as estudantes e suas famílias, inovação na gestão e reorganização das turmas (por exemplo, mais pequenas e mais homogêneas em termos de níveis de aprendizagem) e valorização do trabalho em rede (por exemplo, com associações ou grupos informais ciganos). Assim, a formação em causa pretendeu, também, providenciar estratégias de melhor comunicação com as famílias e que motivem os/as estudantes para a prossecução de trajetórias de continuidade e sucesso escolar e capacitá-los/as para abordagens pedagógicas diferenciadas e inclusivas, que respeitem o mais possível as diversidades culturais e sociais. No entanto, e não menos relevante, teve-se em conta a importância da troca de experiências e de perspetivas, por parte dos/as formandos/as, quer entre si, quer com a equipa de formadores/as.

Para alcançar os objetivos descritos, a formação teve uma duração total de 26 horas, distribuídas por sete componentes temáticas principais. As duas primeiras horas de formação tiveram por objetivo uma contextualização acerca da história das pessoas ciganas em Portugal e no mundo (Alfaro, Costa e Floate, 1999; Fraser, 1997; Costa, 1995), sobre a diversidade cultural, identitária e de tradições ciganas, e sobre a heterogeneidade de modos de vida ciganos (Brinca, 2005; Magano, 2010; Mayall, 2004), sem esquecer outros aspetos gerais da demografia das pessoas ciganas em Portugal e sobre condicionantes multifatoriais, que têm impacto na escolaridade dos/as jovens ciganos/as, tais como as condições de trabalho, saúde e habitação das suas famílias (Mendes, Magano e Candeias, 2014). As duas componentes seguintes constituem uma aproximação aos temas mais especificamente relacionados com a escolaridade das crianças e jovens ciganos/as, pois exploram questões que podem ter impacto (positivo e/ou negativo) neste e noutros domínios da vida das famílias ciganas, tais como o desenvolvimento e implementação de medidas de políticas públicas promotoras de maior equidade social (Branco, 2003; Magano e Mendes, 2014), mas também, e por outro lado, vivências de processos de desigualdade, exclusão, racismo, preconceito e segregação (Brüggemann e D'Arcy, 2017; European Union Agency for Fundamental Rights [FRA], 2018; Magano e Mendes, 2021; Marques, 2013; Mendes, 2012). As três últimas componentes relacionam-se, de forma mais particular, com a escolaridade das crianças e jovens ciganos/as, ao explorarem como o envolvimento e participação das famílias e a intervenção de mediadores/as interculturais podem constituir-se como estratégias e recursos importantes à promoção de trajetórias escolares de maior sucesso (Direção Geral de Educação [DGE] 2018, 2019; Giménez Romero, 1997), ao detalharem exemplos específicos de práticas pedagógicas inovadoras, plurais e inclusivas desenvolvidas em contexto nacional (por exemplo, da Rede Nacional de Iniciativas e Escolas de Segunda Oportunidade).³

Em termos metodológicos, a formação assentou numa filosofia de construção partilhada de conhecimentos, que foi muito além da exposição didática de conteúdos, convocando os resultados da pesquisa desenvolvida para uma educação-ação

focada na experiência e envolvimento de cada um/a dos/as formandos/as, proporcionando momentos de reflexão crítica sobre a sua prática pedagógica enquanto ferramenta possibilitadora de mudança social (Gibbs *et al.*, 2017). Assim, a lecionação das componentes foi assegurada por uma equipa multidisciplinar de formadores/as (neste caso, os/as investigadores/as do projeto, formados/as em áreas diversas como sociologia, antropologia, educação e psicologia), que têm uma forte experiência no âmbito de projetos de investigação, mas também de intervenção junto de pessoas ciganas e/ou de outras populações em situação de vulnerabilidade social, tornando-se, assim, agentes privilegiados de translação desse conhecimento e experiência interdisciplinar para o desenvolvimento de competências junto de docentes. Além disso, a maioria das componentes contou com a participação de formadores convidados/as, maioritariamente de origem cigana, que testemunharam experiências paradigmáticas e heterogéneas de ativismo, associativismo, mediação escolar e intervenção multicultural; funcionando alguns/mas deles/as como modelos de referência importantes para a desconstrução de estereótipos e preconceitos junto dos/as docentes e outros agentes educativos.

Privilegiou-se, ainda, uma pedagogia ativa baseada na autoaprendizagem, pelo que para cada componente foram sugeridos recursos de diferentes tipos (artigos científicos, relatórios técnicos, livros e capítulos, *sites*, vídeos, notícias de jornal) para análise e reflexão individual pelos/as formandos/as em horas de trabalho assíncrono disponibilizadas. Esses materiais, juntamente com os conteúdos trabalhados em grande grupo nas sessões síncronas permitiram aos/às formandos/as participarem ativamente, e em função das suas diversas experiências pedagógicas, em fóruns de discussão escritos acerca dos principais temas analisados; sendo alguns deles posteriormente objeto de avaliação formal contínua. Para a avaliação final, foi proposta a realização de um trabalho em grupo, de carácter teórico-prático, que permitia consolidar os conhecimentos adquiridos em articulação com as diversas vivências profissionais, tendo este como principal objetivo a planificação de uma unidade/atividade letiva que incorporasse práticas inclusivas e multiculturais de promoção do sucesso educativo de crianças ou jovens ciganos/as e de outras origens étnico-culturais.

Perante as condicionantes impostas pela pandemia de covid-19 e para que esta formação pudesse ser frequentada por docentes de várias regiões do país em simultâneo, sem que as deslocações fossem um entrave significativo, a formação decorreu em regime *online* à distância (*e-learning*), em parceria com a Universidade Aberta. Este formato permitiu uma melhor adequação à disponibilidade espacial e temporal dos/as formandos/as que tinham interesse em frequentá-la, mas também dos/as próprios/as formadores/as, possibilitando uma mais fácil conciliação com os restantes afazeres profissionais de todos/as os/as intervenientes. Além disso, o

3 Constituída em abril de 2018, por decisão de 30 instituições, projetos e iniciativas que têm como objetivo contribuir para a redução do abandono escolar precoce e para a promoção da qualificação e da inclusão social de jovens. Em meados de 2022 contava com a colaboração específica de 4 Escolas de Segunda Oportunidade que, pelo Despacho 6954/2019, integram ofertas do sistema público de educação: <https://www.segundaoportunidade.com/e2o-portugal>.

tempo de aprendizagem assíncrono foi gerido de forma flexível e autónoma, em função das responsabilidades profissionais dos/as docentes, o que constituiu uma importante vantagem em relação a outras ofertas formativas similares. Ainda assim, procurou-se estabelecer um certo equilíbrio entre sessões assíncronas e síncronas, pois estas últimas permitem mais facilmente criar espaços de diálogo e de partilha de experiências profissionais, que foram um contributo fundamental para o desenvolvimento de um pensamento reflexivo, crítico e de encontro/confronto de perspetivas sobre os desafios colocados à educação atualmente, no que concerne à pluralidade e diversidade existentes na escola.

Este regime de formação à distância assentou na utilização de uma plataforma de *e-learning* (Moodle), apostando num modelo pedagógico virtual no contexto de uma sociedade do conhecimento e em rede (Castells, 2002). Contou com o apoio de uma equipa técnico-pedagógica que assegurou todo o acompanhamento e esclarecimentos relativos às questões técnicas da formação à distância, incluindo uma componente de ambientação *online* (primeira sessão, em modo assíncrono) para formandos/as e formadores/as. Toda a informação que o/a formando/a necessita para efetuar e gerir a sua aprendizagem encontra-se integrada e disponível nesta plataforma de *e-learning* desenvolvida pela Universidade Aberta, permitindo-lhe aceder aos materiais e atividades de aprendizagem, às tarefas pedagógicas a desenvolver, a espaços de comunicação, partilha e construção do conhecimento e ao processo de avaliação.

A primeira edição desta formação decorreu de outubro a novembro de 2021, através da Universidade Aberta, formação em aprendizagem ao longo da vida com a participação ativa de 14 formandas, que concluíram com sucesso o seu processo de avaliação final. A maioria insere-se no grupo de docência do ensino de português e literaturas modernas e na docência do ensino básico (1.º ciclo) e lecionam em diferentes concelhos do país (por exemplo, Faro, Moura, Évora, Valongo, Lisboa, Porto, entre outros).

A formação foi avaliada qualitativamente pelas formandas, que realçaram positivamente a importância do conhecimento teórico e técnico do corpo de formadores/as, a utilidade da partilha de experiência por parte dos/as convidados/as ciganos/as e a pertinência e atualidade dos recursos disponibilizados. Sugeriram, contudo, que seria benéfico terem mais oportunidades de trabalho e de reflexão em grupo (por exemplo, apresentação e discussão dos trabalhos finais numa sessão síncrona) e que a formação se estendesse por um maior período de tempo, para melhor refletirem e consolidarem os conteúdos patentes na diversidade de materiais fornecidos, com os quais contactaram, muitas vezes, pela primeira vez. Também foi manifestada por parte das formandas a vontade de aprofundar práticas pedagógicas inovadoras e aceder a conteúdos programáticos que permitam responder aos desafios colocados pelos/as estudantes ciganos/as. Assim, algumas destas sugestões de melhoria serão incorporadas em edições futuras da formação, que se planeia adaptar para lecionação também a outros/as profissionais, que não docentes, uma vez que, no momento de divulgação da formação, vários outros/as técnicos/as manifestaram interesse em integrá-la (por exemplo, psicólogos/as, assistentes e educadores/as sociais).

De facto, os dados das fases anteriores de pesquisa envolvendo os/as técnicos/as dos Centros Qualifica e dos Centros de Emprego e Formação Profissional indicam um défice de formação destes profissionais em questões relacionadas com a diversidade e multiculturalidade; tal como acontecia com os/as docentes.⁴ Segundo os inquéritos por questionário realizados, apesar de cerca de metade dos técnicos/as dos Centros Qualifica inquiridos/as (total de 67 pessoas) já terem, em algum momento, estudado temas que versam sobre minorias e diversidade cultural, apenas 23,19% tinham frequentado formações de sensibilização sobre história e cultura das pessoas ciganas; sobretudo os/as que contactavam mais frequentemente com utentes ciganos/as no desempenho das suas funções. A maioria (82,1%) considera que existe falta de formação dos/as formadores/as ou de técnicos/as de Reconhecimento e Validação e Certificação de Competências (RVCC) para questões relacionadas com a cultura, história e modos de vida ciganos, mostrando-se disponíveis (em 67,2% dos casos) para frequentar formações nestas áreas temáticas. Tal como acontecia com os/as docentes, valorizam temas relacionados, sobretudo, com a educação informal e com a organização familiar. Os/as técnicos/as dos Centros de Emprego e Formação Profissional inquiridos/as (n.^o= 252 pessoas) acompanham a tendência descrita, uma vez que grande parte (74,6%) nunca frequentou uma formação de sensibilização sobre a história e cultura das pessoas ciganas; embora 61% tenham declarado já ter estudado, em algum momento, conteúdos sobre minorias e diversidade cultural. Cerca de 80% destes/as técnicos/as indicaram, ainda, encontrar-se disponíveis para frequentarem formações na área da diversidade, nomeadamente, e mais uma vez, em temas que versem sobre história e cultura cigana, educação informal e/ou organização familiar.

Workshops para promoção e valorização da diversidade: ações para o envolvimento de estudantes do ensino básico e secundário

Além de termos identificado, através dos inquéritos por questionário *online* realizados aos/as diretores/as e docentes dos agrupamentos escolares, assim como aos/as profissionais dos Centros de Emprego e Formação e Centros Qualifica,

4 Os Centros Qualifica são estruturas do Sistema Nacional de Qualificações e assumem um papel determinante na construção de pontes entre os mundos da educação, da formação e do emprego, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida. Proporcionam serviços como p.e. apoio na identificação de respostas educativas e formativas adequadas ao perfil dos candidatos, tendo também em conta as necessidades do tecido empresarial; desenvolvimento de processos de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências escolares e profissionais (RVCC); definição dos critérios de estruturação de redes de ofertas educativas e formativas adequadas às necessidades de qualificação, aproximando assim as escolas/centros de formação das empresas; monitorização dos percursos de jovens e adultos, encaminhando-os para diferentes modalidades de qualificação, com o objetivo de auferir o cumprimento ou desvio das trajetórias definidas; recolha de informação respeitante à interação entre os resultados das aprendizagens dos jovens e adultos e o mercado de trabalho. Os seus destinatários principais são jovens que não se encontram a frequentar modalidades de educação ou formação e que não estejam inseridos no mercado de trabalho, e também adultos com idade igual ou superior a 18 anos, com necessidades de aquisição e reforço de conhecimentos e reconhecimento de competências.

necessidades dos/as docentes e técnicos/as em desenvolverem conhecimentos e competências na área da história e cultura cigana, também foi realçada pelos dados qualitativos recolhidos com os/as jovens a necessidade de se incluírem nos currículos escolares conteúdos e atividades relacionados com estes temas.

Eu não sinto representatividade nas coisas mais pequenas (...) não há referências, não há história, (...) eu não me sinto representada. Por isso, eu acho que deveria, sim, haver, nos livros de História, também a nossa história, tal como há a escravidão dos negros, o Holocausto por parte (...) dos nazis, por causa dos judeus, essas coisas todas. Acho que também deveria existir sobre os ciganos (entrevistada, estudante, 19 anos, AMP).

Sobre a comunidade cigana. Isso sim, é que devia ser falado na escola. É uma coisa que está muito... muito fechada, ninguém sabe e têm uma má imagem sobre nós (entrevistada, estudante, 16 anos, AMP).

Eu acho que fora da escola, e dentro da escola, devia haver essas coisas. Quando se fazem *workshops* e atividades na escola, por exemplo (...). Alguém fazer um projeto para apresentar os ciganos, para falar dos ciganos. Danças... Porque as pessoas acolhem-se e sentem-se mais acolhidas quando veem. "Ah, olha ali dança, vamos lá ver", e sentem-se interessados. Eu acho que foi um dos motivos da nossa escola para eles ficarem mais interessados com o nosso projeto, que nós apresentámos. Houve dança e depois eles queriam saber. Nós fizemos jogos com vários tipos de coisas dos ciganos. Os mitos dos ciganos, os símbolos. (...) no projeto final fizemos o casamento (entrevistada, estudante, 19 anos, AML).

Assim, e atendendo também à informação recolhida nas entrevistas e grupos focais, foram desenvolvidos *workshops*, que foram realizados em escolas das áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, e que pretendiam sensibilizar os/as estudantes (ciganos/as e não ciganos/as) acerca da importância da diversidade enquanto oportunidade e fonte de aprendizagem para todos/as, sendo que alguns dos conteúdos remetiam para informação sobre a história, cultura e modos de vida das pessoas ciganas. Nesse sentido, estes *workshops* foram orientados por um objetivo mais geral e relacionado com a sensibilização e reflexão sobre conceitos como o pluralismo e diversidade, inclusão e exclusão, diversas formas de racismo, preconceito e estereótipos. Em termos mais específicos, procuramos ir ao encontro das necessidades identificadas, pretendendo proporcionar aos/as estudantes, sobretudo do ensino secundário, espaços e momentos de contacto com algumas pessoas ciganas que participaram na fase investigativa deste projeto, funcionando como *role model*, e sensibilizando, assim, os/as jovens ciganos/as e não ciganos/as e também docentes para a desconstrução de ideias estereotipadas e até de preconceitos acerca das pessoas de origem cigana e/ou de outros grupos minoritários. Além de se proporcionar um momento de convivência e diálogo intercultural, promovendo a educação para a cidadania e motivando os jovens para essa prática, em termos práticos, e com efeitos a médio/longo prazo, espera-se que estes *workshops* promovam atitudes de aceitação e

de respeito em relação às diferenças culturais, religiosas, sociais e étnicas, favoráveis ao diálogo intercultural e à educação para a cidadania.

Na implementação dos *workshops* foram envolvidas escolas que havíamos identificado, através da perceção dos/as seus/uas diretores/as na resposta aos inquéritos por questionário realizados aos agrupamentos escolares das duas áreas metropolitanas, como tendo uma grande diversidade e um elevado número de estudantes (por exemplo, Agrupamentos de Escolas de Aqualva Mira Sintra e Aquilino Ribeiro) e outras com quem a equipa já havia colaborado anteriormente, em projetos de investigação e de intervenção social (por exemplo, Agrupamentos de Escolas do Cerco e Mães D'Água, Amadora e Agrupamento de Escolas Francisco de Arruda, Lisboa).

Inicialmente, foi dirigido um convite à direção dos agrupamentos escolares, dando conta dos objetivos gerais do projeto e do enquadramento dos *workshops* no mesmo, e propondo que estes fossem implementados através de áreas letivas relacionadas com a cidadania e diversidade, preferencialmente envolvendo diferentes disciplinas e vários/as docentes, e estudantes do ensino secundário, por ser este o foco primordial do projeto. No entanto, e numa perspetiva colaborativa e de coprodução, foi proporcionada a cada escola a possibilidade de adaptar com alguma flexibilidade esta proposta ao seu contexto institucional e população escolar. Nesse sentido, as primeiras quatro sessões dos *workshops* acabaram por decorrer, com os devidos ajustes em termos de planeamento, com turmas de 6.º ano com alguns/mas alunos/as ciganos/as; o que não deixa de ir ao encontro, também, de algumas das necessidades identificadas nas entrevistas aos/às jovens, em que salientam que a formação em história e cultura cigana deveria iniciar-se o mais cedo possível na formação escolar dos/as alunos/as.

a história dos ciganos ser contada nos manuais, mesmo a partir da pré-escola, os miúdos, muitas vezes, vêm com a mente assim muito enraizada, já o racismo já está lá presente da parte dos pais (entrevistada, estudante, 19 anos, AMP).

As restantes sessões dos *workshops* foram realizadas com estudantes do 10.º ano (quatro sessões em agrupamentos escolares da Área Metropolitana de Lisboa) e do 11.º ano (seis sessões num agrupamento escolar da Área Metropolitana do Porto). Mais tarde, realizaram-se mais alguns *workshops*, quer no Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Gomes de Almeida, Escola Básica Domingos Capela, em Espinho (3 turmas: 5.º, 6.º e 7.º), quer no Agrupamento de Escolas Francisco de Arruda, em Lisboa (turma PIEF: 5 estudantes).

As primeiras sessões destes *workshops* foram, então, realizadas em novembro de 2021, com quatro turmas do 6.º ano do ensino básico de um agrupamento de escolas localizado em Vila Nova de Gaia. Foram quatro sessões com uma duração média de cerca de 50 minutos, em que foram mobilizadas metodologias mistas, que englobam uma abordagem mais expositiva, mas também trabalho de reflexão e de discussão em pequenos grupos de estudantes. Foram dinamizadas por investigadoras do projeto, que o apresentaram brevemente, assim como a restante equipa, e algumas delas contaram, ainda, com a participação de uma estudante cigana a

frequentar o ensino superior, que partilhou a sua história de vida e trajetória de sucesso escolar. Em termos de recursos e de atividades, e como forma de introdução à sessão, foi visionado um pequeno vídeo (cerca de 10 minutos), produzido pelo Centro de Criatividade Digital da Universidade Católica Portuguesa, em colaboração com estudantes e *alumni* do mestrado de Animação e da licenciatura em Som e Imagem da Escola das Artes, e que pretende ser um recurso disponível aos vários agentes educativos para desconstruir estereótipos, mitos e representações associados à cultura cigana e não cigana, e para valorizar a multiculturalidade e a escola enquanto espaço integrador aberto a todas as crianças.⁵ Posteriormente, os/as estudantes foram incentivados/as a trabalhar em pequenos grupos (quatro a cinco elementos) para criarem/elegerem uma frase que ilustrasse um momento do vídeo que considerassem significativo para que todos/as os/as colegas se sintam incluídos na escola, independentemente da sua origem étnica, social, cultural ou económica. No final, cada grupo elegeram um porta-voz representante, que partilhou a frase escrita com o grande grupo da turma, tendo sido construído um cartaz coletivo, para exposição e acesso à restante comunidade escolar. A presença da jovem estudante do ensino superior teve um impacto muito forte, sobretudo entre os/as ciganos/as que não acreditavam que esta jovem fosse cigana. Estabeleceu-se um diálogo entre estes/as estudantes e a jovem que questionou os estereótipos sobre o que é ser cigano/a na atualidade e sobre os papéis sociais e de género partilhados pelos alunos/as em presença.

As sessões posteriores, realizadas com estudantes do ensino secundário de cursos do ensino regular e cursos profissionais, decorreram em dezembro de 2021, no âmbito de diversas disciplinas (relacionadas com cidadania e integração, línguas, tecnologias de informação, entre outras) e tiveram uma duração entre 50 e 90 minutos. Manteve-se uma lógica de conjugação entre abordagens mais expositivas, com outras de trabalho de reflexão e discussão em grupo. A dinamização das sessões esteve, uma vez mais, a cargo de investigadoras do projeto, juntamente com convidados/as ciganos/as, jovens que terminaram o 12.º ano e que estão a exercer atividades profissionais no mercado de trabalho (AML), mas também mediadores/as interculturais que intervêm em contexto escolar (na AMP). De sublinhar que os testemunhos dos/as jovens convidados/as geraram diálogos e discussões muito impressionantes, quer com os alunos/as, quer com docentes e outros/as técnicos/as da escola.

Neste caso, os recursos e atividades incluíram a visualização de vídeos realizados por jovens de origem cigana e que participaram deste estudo e por entidades como o Alto Comissariado para as Migrações ou associações ciganas, cujos protagonistas são pessoas ciganas com histórias de sucesso escolar e de participação cívica relevante. Alguns deles remetem, também, para informação, contada na primeira pessoa, sobre aspetos da história, cultura e modos de vida ciganos. A escolha dos vídeos a visualizar em cada sessão ia sendo realizada em função do

5 Vídeo "Senhelo Calhim — Eu sou cigana", que pode ser visualizado em <https://www.youtube.com/watch?v=8pURCfPr6R8>



Projeto EduCig
Desempenhos escolares entre os Ciganos:
investigação-ação e projeto de co-design

Workshop nas Escolas

Como promover
e valorizar a diversidade
enquanto oportunidade
e fonte de aprendizagem



2021

24, 25 e 29 NOV
Agrupamento de Escolas Diogo de Macedo,
Vila Nova de Gaia

13 e 17 DEZ
Agrupamento de Escolas do Cerco,
Porto

14 DEZ
Agrupamento de Escolas Aqualva Mira Sintra,
Aqualva-Cacém

15 DEZ
Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro,
Oeiras

20 DEZ
Agrupamento de Escolas Mães d'Água,
Amadora

Contacto educig.cies@iscte.pt

iscte

CIES - ISCTE
Centro de Investigação
e Estudos de Sociologia

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Figura 6.2 *Workshops* em escolas

Fonte: Projeto EduCig, 2021.



Figura 6.3 Sessões com o 10.º ano em escolas da AML

Fonte: Projeto EduCig, 2021.

contexto específico da mesma (por exemplo, um dos documentários selecionados é um trabalho de final de curso de um dos estudantes convidados e, por isso, foi apresentado na sessão que foi em parte dinamizada por este). Posteriormente, foi novamente proposto aos/às estudantes que trabalhassem em pequenos grupos de quatro ou cinco elementos, a quem foi entregue uma notícia de jornal que veiculasse informação acerca das pessoas ciganas em Portugal. Com base no vídeo visualizado, na intervenção da pessoa cigana convidada e na notícia analisada, cada grupo deveria identificar os principais estereótipos e formas de discriminação vivenciados pelas pessoas ciganas, e propor formas de desconstrução dessas ideias, bem como medidas destinadas à eliminação/mitigação das situações de discriminação. No final, as principais ideias de cada grupo foram partilhadas, por escrito no quadro, e discutidas com a restante turma, através do seu/sua representante.

Numa lógica de continuidade do trabalho iniciado pela equipa e de difusão do mesmo à restante comunidade escolar, as turmas de ensino secundário que participaram nas sessões foram, ainda, desafiadas a realizar atividades posteriores em diferentes disciplinas, tais como: reportagens/artigos de opinião que permitam desconstruir os/alguns dos estereótipos identificados; questionários breves, a realizar a colegas de outras turmas, sobre as questões retratadas nas sessões; um mural *online*, onde possam partilhar notícias sobre as pessoas ciganas, à semelhança das que analisaram nos *workshops* realizados.

Os *workshops* foram avaliados através de um inquérito de satisfação produzido para o efeito, que continha perguntas fechadas sobre a utilidade das sessões e sobre a adequação dos recursos/atividades realizadas, dando espaço, ainda, aos/às estudantes para que escrevessem de forma livre, em formato de resposta aberta, comentários e/ou sugestões gerais sobre a sua participação na atividade em causa. Em geral, mais de 80% dos/as estudantes consideraram que a sessão foi interessante e útil e valorizaram os recursos informativos mobilizados, a dinâmica de

trabalho em pequeno grupo e sobretudo o testemunho e o diálogo com os/as jovens convidados/as de origem cigana.⁶

Estratégias para a formação escolar e profissional de pessoas ciganas

Formação de jovens em abandono escolar precoce

O abandono escolar precoce dos/as jovens, incluindo de jovens ciganos/as, pode estar relacionado com um conjunto de fatores complexos e que se intersectam, tais como: vulnerabilidade social, económica e habitacional das famílias, desigualdades de género, discriminação, mas também condicionamentos estruturais mais amplos (European Union Agency for Fundamental Rights [FRA], 2016). Nesse sentido, os dados das entrevistas realizadas apontam para dissensos, de diferentes níveis, entre a organização das instituições escolares e a realidade contextual de muitas famílias ciganas. De entre esses desencontros, destacam-se desajustes entre as motivações e preferências heterogéneas dos/as estudantes, em termos escolares e laborais, e alguma rigidez do contexto educacional e do sistema de formação profissional, nomeadamente na forma como as ofertas formativas/cursos, as estratégias pedagógicas e os processos de avaliação se encontram organizados.

claro que gostava, mas há... há coisas que não ajudam, como os números, as notas não ajudam (entrevistado, 19 anos, AML).

a mim falaram-me.... eu ouvi falar (...) a maneira de dar as aulas é diferente... somos mais, é muito mais prático, tem muito mais... como é que hei de explicar? Respeito por nós... os nossos interesses.... Normalmente, numa escola regular, os teus interesses, normalmente, nunca... não fazem diferença (entrevistado, 18 anos, AMP).

Mas, depois, o problema da direção é que nunca houve uma preocupação (...) com a ideia de que existem alunos diferentes, não é? Que é uma coisa fulcral para... para uma escola se desenvolver é que existem alunos diferentes de outros, existem preocupações e... e necessidades diferentes de outras e é uma escola que não... que não lhes interessa (entrevistado, 19 anos, AMP).

Os dados das entrevistas aos/às jovens ciganos/as apontam como áreas preferenciais de formação: atendimento ao público; comércio; vendas e também as TIC (informática; audiovisual e vídeo); por vezes também as artes, como a música; o desporto

6 Importa realçar que foi dado conhecimento da realização dos *workshops* aos/às encarregados/as de educação dos/as estudantes envolvidos, através da assinatura pelos/as mesmos/as de um documento de consentimento informado, que continha informação sobre os objetivos gerais das sessões e sobre o seu enquadramento no projeto, bem como sobre o interesse e cuidados na captação de material audiovisual para acervo pela equipa.

Quadro 6.1 Áreas de formação com maior interesse por parte dos candidatos/as ciganos/as e áreas para as quais são geralmente encaminhados/as, na perspetiva dos profissionais dos Centros Qualifica

Áreas temáticas que despertam maior interesse entre os homens ciganos	Áreas temáticas de formação para as quais são encaminhados os homens ciganos		Áreas temáticas que despertam maior interesse entre as mulheres ciganas		Áreas temáticas de formação para as quais são encaminhadas as mulheres ciganas		
	n.º		n.º		n.º		
Serviços pessoais	1	Informática na ótica do utilizador	1	Serviço social	1	Trabalho social e serviço de apoio a crianças e jovens	1
Hotelaria e restauração	1	Serviços pessoais	1	Trabalho social	2	Serviços pessoais	1
Certificação escolar	3	Competências básicas	3	Alfabetização	1	Aumento de literacias/competências básicas	3
Desporto	1	EFA	2	Apoio a crianças	1	Comércio	1
Eletricidade	1	Eletricidade	1	Área doméstica	3	EFA	1
História de Portugal	1	Escolar	2	Certificação escolar	3	Escolar	2
Informática	1	Formação Modular	2	Comércio	2	Estética	1
Jardinagem	2	Jardinagem	2	Costura	1	Formação modular	2
Logística	1	Pastelaria	1	Cozinha	1	Informática	1
Pastelaria	1	Português	1	Cultura	1	Pastelaria	1
TIC	1	RVCC	2	História de Portugal	1	Português	1
Trabalho social	1	Não se aplica	1	Pastelaria	1	RVCC	3
Vendas	3	Total	19	TIC	1	Não se aplica	1
Qualquer uma financiada	1			Qualquer uma financiada	1	Total	19
Não se aplica	1			Não se aplica	1		
Total	20			Total	21		

Fonte: Projeto EduCig, 2020-2021.

e o turismo. Assiste-se a uma valorização sobre a possibilidade de criação do próprio emprego, o que pode ser equacionado através do encaminhamento para a área do empreendedorismo.

Além disso, também os dados dos inquéritos por questionário aos técnicos dos Centros Qualifica e aos técnicos dos Centros de Emprego e Formação Profissional indicaram algum desajuste entre as ofertas formativas disponíveis nestas instituições e o perfil de interesses dos/as utentes ciganos/as que as frequentam. Por exemplo, de acordo com o quadro 6.1, a área de formação que desperta maior interesse aos/às utentes ciganos/as, quer para homens, quer para mulheres (n.º=3, respetivamente), é a área das competências básicas. No caso dos homens, também se destaca a área das vendas (n.º=2), nas mulheres a área doméstica (n.º=2) e em ambos os casos se verifica um maior interesse pela certificação escolar (n.º=3). No entanto, estas três últimas áreas preferenciais parecem ser, de certa forma, negligenciadas, uma vez que o encaminhamento de utentes ciganos/as centra-se

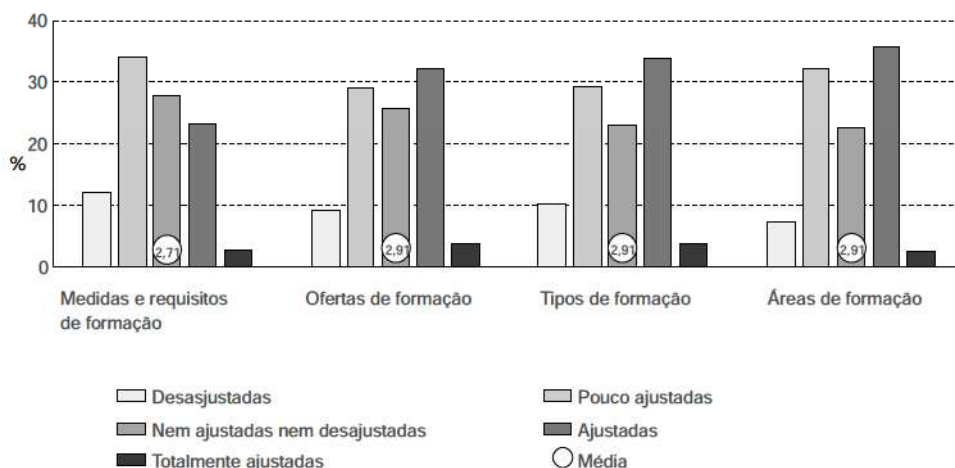


Figura 6.4 Avaliação do grau de ajustamento da formação em relação ao perfil dos/as utentes ciganos/as inscritos/as em Centros de Emprego e Formação Profissional (%)

Fonte: Projeto EduCig, 2020.

sobretudo, na perspetiva dos técnicos dos Centros Qualifica, na área das competências básicas, dadas as baixas qualificações escolares dos/as candidatos/as de origem cigana.

De uma forma mais abrangente, os técnicos dos Centros de Emprego e Formação Profissional posicionaram-se numa escala de 1 a 5 pontos, que avalia a sua opinião relativamente ao grau de ajustamento da formação em relação ao perfil dos/as utentes ciganos/as, nomeadamente no que se refere i) às medidas e requisitos de formação, ii) às ofertas e tipos de formação disponíveis, e iii) às áreas de formação existentes. Como se pode constatar pela figura 6.5., a perceção dos técnicos inquiridos é de que existe, em média, um grau de ajustamento da formação sempre inferior ao ponto intermédio da escala (isto é, menor que 2 em relação a todas as dimensões avaliadas), o que indicia, tal como anteriormente, que a formação se encontra tendencialmente desajustada (ponto 1 da escala) ou pouco ajustada (ponto 2 da escala) em relação ao perfil dos/as utentes ciganos/as. Além disso, importa enfatizar que mais de 30% dos/as inquiridos/as selecionaram as opções de resposta “desajustadas” ou “pouco ajustadas” no que se refere a todas as questões colocadas em relação ao grau de ajustamento da formação em relação ao perfil dos/as utentes ciganos/as, o que confirma, mais uma vez, a sua desadequação geral e em termos de requisitos, ofertas e áreas de formação disponíveis.

Assim, triangulando os dados qualitativos e quantitativos apresentados, e referentes a diferentes fontes de informação e técnicas de recolha de dados, procurou-se responder a um dos objetivos estruturantes deste projeto e que consistia no desenho de um currículo comum que proporcionasse a certificação escolar e/ou profissional ao nível do ensino secundário para alguns/mas jovens ciganos/as que

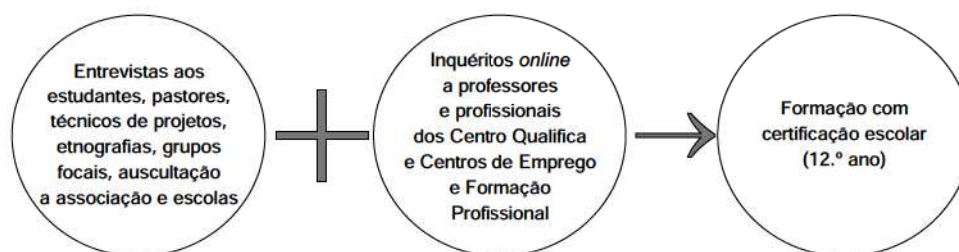


Figura 6.5 Etapas inerentes à construção da formação com certificação escolar e/ou profissional

Fonte: Projeto EduCig, 2022.

abandonaram precocemente o sistema de ensino, e que fosse de encontro às suas reais necessidades de formação.

A conceção desta formação é, então, baseada nos resultados da primeira fase do projeto de investigação-ação participativa e visa promover e expandir o acesso ao ensino secundário dos/as jovens ciganos/as, prepará-los/as para o acesso ao ensino superior e proporcionar-lhes oportunidades efetivas de incorporação no mercado de trabalho. A proposta foi apresentada a algumas associações ciganas, Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) e Escola de Segunda Oportunidade de Matosinhos (ESOM).

A primeira edição desta formação em *Mediação Intercultural e Desenvolvimento Comunitário* irá decorrer entre 2022/2023 e está a ser lecionada no contexto de um percurso EFA de nível secundário (com 150 horas de formação profissional), iniciativa desenvolvida pela Escola Segunda Oportunidade de Matosinhos, com o apoio do Projeto EduCig e em colaboração com o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP). Esta formação tem a duração de 2 anos e destina-se a todos os jovens (ciganos/as e não ciganos/as), que abandonaram precocemente o sistema de ensino, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, com escolaridade mínima ao nível do 3.º ciclo e cujos interesses estejam em sintonia com os módulos temáticos disponibilizados. O Projeto EduCig codesenhou este *curriculum* do percurso EFA de formação modular, colaborou ainda na sua planificação e está a fazer o acompanhamento e monitorização da mesma.

Assim, a formação conta com um primeiro módulo temático de Empreendedorismo Social, o que permite dar resposta às necessidades identificadas nas entrevistas aos/às jovens de considerarem importante aceder a formação que lhes permita desenvolver competências empreendedoras, não tanto numa ótica de atendimento ao público, comércio ou vendas, em que já existem várias ofertas formativas disponíveis, mas mais ligadas ao desenvolvimento de projetos artísticos e/ou de cocriação do seu próprio negócio.

Na escola que eu estou, eles estão-me a ensinar... eles estão-me a ensinar para trabalhar... e para criarmos projetos e assim e muito mais... (entrevistado, 18 anos, AMP).

Porque, desde pequenina, eu sempre fui apaixonada por artes, tanto visuais, como... como de espetáculo, como eu estou agora, não é? E eu acho que vem muito daí, o ser cigano, acho que tu nascas com essa coisa de... de artista, percebes? (...) desde pequeninos, nós juntamo-nos todos e cantamos, os nossos casamentos são diferentes, percebes? É assim uma coisa que já nasce connosco. Então, eu, depois, no 9.º ano, aqueles testes psicotécnicos que eles fazem, para ver o que é que nós vamos escolher e tal, dava tudo para artes, não é? (...). Aqui (...) há escolas boas, sim, mas é mais para artes visuais, o que não me... não me interessava muito, aquele assim... assim, ensino mais regular, mais... o normal, assim dizendo (entrevistada, 16 anos, AMP).

Ou seja, lá está, a minha mãe, quando se começou a envolver e mais tarde eu e os meus irmãos nos envolvemos com o grupo, fomos trabalhando uma série de projetos, com eles, na perspetiva de teatro comunitário, teatro do oprimido, pá, foi o que me entusiasmou (entrevistado, 19 anos, AMP).

O segundo módulo disponível está relacionado com a área temática da Tolerância e da Mediação, uma vez que esta também foi identificada como muito relevante em várias atividades do projeto (por exemplo, na formação de docentes, nas entrevistas a projetos e nos eventos científicos organizados foram salientadas por formadoras/es e oradores/as convidadas/os como uma ferramenta crucial no estabelecimento de pontes e desenvolvimento de trabalho com a comunidade educativa), e cuja pertinência vai muito além dos testemunhos recolhidos por via das entrevistas realizadas aos/às jovens; em que, ainda assim, a mediação intercultural também foi sempre enfatizada como uma ferramenta estratégica para minimizar desencontros e dissensos entre famílias (ciganas) e a escola.

no próprio Opré, temos experiências (...) por exemplo, os pais que às vezes têm muito aquela questão de não quererem deixar (...) as meninas estudarem, as raparigas estudar, então, às vezes, é bom sentirem, para os próprios pais, ter uma mediadora, que é cigana a discutir e debater sobre eles essa ideia. (...) não ter, necessariamente, uma pessoa, uma pessoa branca, porque, quer queiramos, quer não, entende-se muito mais fácil uma pessoa cigana com uma pessoa cigana (...) digo nestas questões e nestes termos (...) quando é uma mulher cigana a tentar chamar à razão, pode... pode dar outros frutos. E acho que isso é uma coisa necessária (entrevistado, 19 anos, AMP).

o meu tio L. (...) já fez isso e o trabalho dele, na escola, era ser mediador (...) Ele resolvia as confusões entre os miúdos ciganos e os miúdos não ciganos. Ou até mesmo os meninos ciganos e os professores. Eu acho que faltava mais gente assim. Acho que faltava... (...). Sim, mais mediadores na escola. (...). Se um menino cigano tiver uma confusão com o professor e não se conseguir resolver, ele vai lá, fala com o menino cigano, fala com o professor e ajuda-os a entender-se (entrevistado, 18 anos, AMP).



PERCURSO EFA SECUNDÁRIO
COM FORMAÇÃO MODULAR
CERTIFICADA EM

MEDIAÇÃO INTERCULTURAL, EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Percurso EFA de nível secundário (c/ 150 horas de formação profissional), iniciativa desenvolvida pela Escola de Segunda Oportunidade de Matosinhos, com o apoio do projeto EduCig: Desempenhos escolares entre os Ciganos: investigação-ação e projeto de co-design e em colaboração com o Instituto do Emprego e da Formação Profissional.

Perfil dos candidatos Idade entre os 18 e os 25 anos.
Com pelo menos o 9º. ano de escolaridade completo

Duração 2 anos, com início em setembro 2022

Local E2OM - Largo Capela do Telheiro,
4465-053, S. Mamede de Infesta

Inscrições (15 vagas) e informações
geral@segundaoportunidade.com | 229 064 538








Figura 6.6 Percurso EFA de nível secundário com formação modular certificada

Fonte: Projeto EduCig, 2022.

Com uma duração um pouco mais curta, são propostos dois outros módulos, adjacentes aos primeiros, e que garantem, tal como é pressuposto que sejam convocadas várias áreas relevantes da vida dos/as jovens formandos, desde a integração familiar à sustentação económica, neste caso, relacionados mais especificamente com a História e Cultura das Comunidades Ciganas e com a Animação e o Desenvolvimento Comunitário e que fornecem conhecimentos e competências ao nível do exercício da atividade de mediação. Os quatro módulos serão lecionados por formadores/as certificados/as e de origem cigana.

Plataforma colaborativa sobre políticas públicas e ciganos/Roma: rede EduCig

A divulgação da formação, bem como a identificação de jovens que possam ser encaminhados/as para a sua frequência, perante as suas trajetórias e interesses escolares e profissionais, será facilitada pela rede EduCig.

Esta rede foi criada no ano de 2021, no âmbito do projeto em análise (Desempenhos Escolares entre os Ciganos: Projeto de Investigação-Ação e de Co-Design _EduCig), configurando-se como uma estrutura técnica e de investigação independente, constituída no quadro do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Iscte — Instituto Universitário de Lisboa (CIES-Iscte), responsável pelo seu funcionamento e coordenação científica. Os processos colaborativos normalmente constroem redes, e nestas os participantes entrecem novas relações, incrementam os seus níveis de confiança e posteriormente esse capital social traduz-se na criação de novas redes que são acionadas para muitas outras situações fora do processo colaborativo (Innes e Booher, 2004).

Esta rede, designada de *Plataforma Colaborativa sobre Políticas Públicas e Ciganos Portugueses/Roma*, tem como principal objetivo estimular o contacto e a cooperação entre diferentes entidades e atores, no sentido de partilha de conhecimento, recursos e boas práticas, e para disseminação de resultados científicos que contribuam para melhorar a inclusão das pessoas e famílias ciganas; particularmente na área das políticas públicas, e sobretudo em domínios como a educação, formação, empregabilidade e habitação. Constitui-se, então, como um instrumento de investigação científica e de difusão de conhecimento, bem como de fundamentação e monitorização de práticas e de políticas públicas, indo além de um trabalho desenvolvido estritamente pela academia, mais uma vez numa lógica de investigação-ação coparticipada e pondo em evidência o papel da extensão universitária, como abordagem basilar do projeto.

Neste momento, a rede EduCig funciona com base numa parceria sustentada envolvendo mais de 40 instituições-chave e pessoas que participam nesta rede:

- Iscte — Instituto Universitário de Lisboa, enquanto instituição universitária que acolhe o projeto, através do seu Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte), que é, assim, responsável pelo funcionamento e coordenação científica da rede, e também investigadores independentes, além dos



Figura 6.7 Atores que compõem a Rede EduCig

Fonte: Projeto EduCig, 2021.

elementos da equipa, com interesses e trabalho desenvolvido na área de atuação desta rede;

- Organismos públicos com intervenção à escala nacional, nomeadamente o Alto Comissariado para as Migrações e o Instituto de Emprego e Formação Profissional;
- Autarquias locais disseminadas pelo território nacional, com maior incidência nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, nomeadamente câmaras municipais e uma junta de freguesia;
- Instituições locais de saúde pública;
- Projetos de base local/comunitária, ONG e associações, que desenvolvem trabalho de intervenção e de investigação-ação com pessoas/famílias ciganas;
- Escolas e agrupamentos escolares;
- Estudantes de origem cigana, dirigentes de associações ciganas e mediadores/as interculturais e/ou ativistas, investigadores/as, a maioria deles/as com uma participação ativa em diversas atividades do projeto.

Além do envolvimento da rede EduCig nas atividades de formação desenvolvidas, pressupõe-se que a mesma possa permanecer como uma estrutura que dará continuidade a algumas das atividades iniciadas com o Projeto EduCig e que

será sustentável após o término do Projeto EduCig, sendo assim possível a implementação de outras atividades de continuidade a médio e longo prazo, nomeadamente ao nível da recolha, partilha e divulgação de informação científica e técnica acerca da formação e educação dos/as jovens ciganos/as em Portugal, e sobre as suas condições de empregabilidade, para se poder continuar a planear e desenvolver programas de formação escolar e/ou profissional certificados que respondam às necessidades particulares de jovens ciganos/as (e outros/as) e atividades de mentoria; atividade de formação acerca da história, cultura e modos de vida ciganos, que possam ser dirigidas a estudantes/escolas, organizações não governamentais, serviços públicos, agentes educativos e outros técnicos. A rede está, também, envolvida na participação e organização de eventos científicos nacionais e internacionais, tais como os já promovidos pelo projeto (p.e. Seminário Nacional Ciganos Portugueses, Cidadania e Educação (em abril de 2021) e o Seminário Internacional Desempenhos Escolares entre os Ciganos: Investigação-Ação e Projeto de Co-design (em janeiro de 2022)). Pela primeira vez em Portugal, consegue-se mobilizar uma multiplicidade de atores sociais (mediadores/as, ativistas ciganos/as, professores/as, técnicos/as e investigadores/as), entidades públicas da área da educação e do emprego e formação profissional, instituições do setor social, autarquias locais, agrupamentos escolares, entre muitos outros, com o objetivo de refletir, em conjunto, sobre as questões do insucesso e abandono escolar das crianças e jovens ciganos/as, o que a curto e médio prazo possibilitará o avanço em termos de identificação de aspetos bloqueadores e de desenho de medidas e soluções possíveis de enfrentamento desta questão. Além do impacto a nível de mobilização nacional, numa lógica de internacionalização pretende-se, ainda, que a rede EduCig contribua para o estabelecimento de contactos e parcerias com outras redes nacionais e internacionais, que se centrem em domínios como as políticas públicas, a inclusão, a diversidade e a cidadania em contexto de educação.

Divulgação de resultados através de dispositivos audiovisuais

As várias vertentes de metodologias participativas desenvolvidas ao longo das várias fases do Projeto EduCig, na linha de investigação-ação e de *co-design* (Creswell, 2014), tiveram a preocupação de incorporar resultados preliminares obtidos nas novas etapas de investigação, assim como a publicação de artigos e capítulos de livros (nomeadamente em acesso aberto) e a participação em eventos científicos, com a apresentação de comunicações, promovendo a discussão entre pares e com a comunidade em geral. Paralelamente, houve a divulgação do projeto nas redes sociais, através da criação de um site, em que se apresenta o projeto, os membros da equipa, as publicações, a Rede EduCig, e eventos realizados e previstos.⁷ Há também uma página na rede social Facebook em que são divulgadas as iniciativas do

7 <https://educigcies.wixsite.com/educig>.

projeto e de iniciativas de interesse na área de investigação, o que pretende alcançar públicos mais diversos e não estritamente ligados à academia.⁸

Além dos dispositivos de divulgação já referenciados, considerou-se essencial a produção de um documentário que, através das vozes e recolha de imagens de alguns/mas dos/as participantes no projeto, estes pudessem deixar o seu testemunho sobre a importância da escolarização para os jovens ciganos/as e que possa ser usado como ferramenta de partilha, mas também para a consciencialização pública sobre a dimensão desta necessidade, sobretudo no que se refere à promoção de políticas e práticas educativas ajustadas e diferenciadas de acordo com os públicos estudantis; na senda de Lahire (2004), que incorpore, não só a preocupação diacrónica (o percurso), mas também e na senda de que os entrevistados sejam levados a pensar e a refletir sobre as suas trajetórias de forma multifacetada, através do trânsito pelas várias agências de socialização e domínios de existência como família, escola, trabalho, locais de residência, redes de relações de sociabilidade, etc. Desta forma, o/a entrevistado/a (atores ou sujeitos) expressa continuidades e ruturas, transferências e especificidades entre as diferentes esferas que são essenciais para estabelecer e compreender as disposições e os mecanismos contextuais de ativação ou inibição das ações.

Nessa lógica de sentido, foi produzido um vídeo em que participam os membros da equipa de investigação, jovens ciganos/as a frequentar o ensino secundário e o ensino superior, assim como pais e encarregados de educação.⁹ Além dos testemunhos dos/as interlocutores/as já referidos/as, foram também incluídas imagens gravadas de *workshops* realizados nas escolas das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. Este dispositivo, que funcionou numa lógica recursiva, permitiu estabelecer um ciclo iterativo de pesquisa, ação e reflexão sobre o tempo transcorrido entre as diferentes fases da pesquisa.

No que se refere aos testemunhos, o objetivo foi sobretudo fazer um *follow up* aos jovens e familiares, considerando o decorrer de tempo desde que iniciaram a sua participação no projeto e as várias etapas transcorridas desde aí. Assim, no referente aos/às jovens, quase todos/as tinham participado na fase de entrevistas a jovens estudantes no ensino secundário, nos grupos focais, no *webinar* ou nos *workshops* e interessou-nos perceber:

- i) O que se tinha alterado desde a última vez que tínhamos falado, seja no que se refere ao ano de escolaridade ou ocupação.
- ii) Se o curso ou atividade laboral correspondeu às expectativas e de que forma.
- iii) Quais os sonhos, planos ou projetos de vida em termos profissionais e/ou académicos?
- iv) Olhando para trás, quais foram as maiores dificuldades sentidas nos últimos dois anos/e ao longo de toda a trajetória/escolar.
- v) Questionar sobre a persistência de muitos/as jovens ciganos/as que ainda não

8 <https://www.facebook.com/educig2020/>.

9 Vídeo produzido pela Wamãe, antropologia pública: <https://comunidadeculturaearte.com/autor/wamae/> Ver vídeo em: <https://youtube/Ow718BakFoM>

frequentam o ensino secundário e superior, porquê que isso acontece? O que fazer para mudar esta situação.

- vi) Atendendo a que colaborou nas entrevistas, no grupo focal, no *webinar* ou no *workshop*, como vê o impacto da colaboração neste projeto e qual o impacto junto de outros jovens?

O mesmo exercício de reflexão foi solicitado a pais e mães de jovens ciganos, nomeadamente, sobre:

- i) Como vê o percurso escolar e/ou profissional do seu/sua filho/a? E os restantes familiares?
- ii) Como acompanhou o percurso escolar do seu/sua filho/a? O que fez?
- iii) Olhando para trás, quais foram as maiores dificuldades que sentiu (ao longo do tempo e concretamente nos dois últimos anos)? E como as ultrapassou?
- iv) Que expectativas tem sobre a conclusão da formação escolar do seu/sua filho/filha?
- v) Há ainda muitos jovens ciganos que não frequentam o ensino secundário e superior, porque acha que isso acontece? O que fazer para mudar esta situação?

Este processo de devolução de resultados e de construção de uma análise partilhada através das respostas a estas questões, por parte dos/as jovens ciganos/as e progenitores/as, constituem outras formas de construção narrativa e que nos permitem aceder a testemunhos de viva voz sobre os processos de escolarização e as dificuldades vividas ao longo do tempo do projeto, mas também perspetivar as mudanças e o impacto sobre os modos de vida destas pessoas e suas famílias, dimensões essenciais para pensar novas práticas e novas políticas educativas.

Os momentos de reflexão proporcionados pelos membros da equipa, no formato de testemunho, são igualmente de extrema relevância por permitirem uma panorâmica geral articulada sobre as várias etapas de execução do projeto, cruzar resultados provenientes de vários instrumentos de recolha de dados e avaliar impactos. Trata-se de um documento que faz parte do arquivo digital do projeto e que, além de ser mais um dos resultados de todo o processo investigativo, é um dispositivo que nos permite fazer a restituição de uma forma visual e narrativa dos resultados da investigação, não apenas à comunidade técnico-científica, mas sobretudo às pessoas e atores institucionais que colaboraram nesta pesquisa. No fundo, pretende-se coproduzir ciência cidadã e comunicar ciência a públicos mais alargados.

Referências bibliográficas

- Alfaro, Antonio Gomes, Elisa Maria Lopes da Costa, e Sharin Sillers Floate (1999), *Ciganos e Degredos: os Casos de Espanha, Portugal e Inglaterra, Séculos XVI-XIX*, Lisboa, Centre de Recherches Tsiganes / Secretariado Entre Culturas, disponível em https://www.researchgate.net/publication/331405704_Gypsies_in_Portugal_today.

- Brinca, Ana (2005), "Ciganos, 'tendeiros' e 'senhores': fronteiras identitárias", *Antropológicas*, 9, pp. 227-251.
- Brüggemann, Christian, e Kate D'Arcy (2017), "Contexts that discriminate: international perspectives on the education of Roma students", *Race Ethnicity and Education*, 20, pp. 575-578.
- Castells, Manuel (2002), *Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, Eduardo Maia (1995), "Os ciganos em Portugal: breve história de uma exclusão", em Luíza Cortesão e Fátima Pinto (org.), *O Povo Cigano: Cidadãos na Sombra: Processos Explícitos e Ocultos de Exclusão*, Porto, Ed. Afrontamento, pp. 21-26.
- Creswell, John W. (2014), *Research Design, Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*, Califórnia, Sage.
- Devisch, Oswald, Liesbeth Huybrechts, e Roel de Ridder (eds.) (2019), *Participatory Design Theory: Using Technologies and Social Media to Foster Civic Engagement*, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- Direção Geral de Estatísticas de Educação e Ciência [DGEEC] (2020), *Perfil Escolar das Comunidades Ciganas 2018/2019*, Lisboa.
- FRA (2016), *EU MIDIS-II*, disponível em https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/fra-2016-eu-minorities-survey-Roma-selected-findings_pt.pdf.
- FRA (2018), *Segundo Inquérito sobre Minorias e Discriminação na União Europeia Ciganos: Resultados Seleccionados, EU MIDIS-II*, disponível em https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/fra-2016-eu-minorities-survey-Roma-selected-findings_pt.pdf.
- Fraser, Angus (1997), *História do Povo Cigano*, Lisboa, Editorial Teorema.
- Georgiadis, Fokion, e Apostolos Zisimos (2012), "Teacher training in Roma education in Greece: intercultural and critical educational necessities", *Issues in Educational Research*, 22 (1), pp. 47-59.
- Gibbs, Paul, Patricia Cartney, Kate Wilkinson, John Parkinson, Sheila Cunningham, Carl James-Reynolds, Tarek Zoubir, Venetia Brown, Phil Barter, Pauline Sumner, Angus MacDonald, Asanka Dayananda, e Alexandra Pitt (2017), "Literature review on the use of action research in higher education", *Educational Action Research*, 25 (1), pp. 3-22.
- Giménez Romero, Carlos (1997), "La naturaleza de la mediación intercultural", *Migraciones*, 2, Madrid, Universidad Pontificia de Comillas.
- Innes, Judith E., e David E. Booher (2004), "Reframing public participation: strategies for the 21st century", *Planning Theory e Practice*, 5 (4), pp. 419-436.
- Lahire, B. (2004), *Retratos Sociológicos: Disposições e Variações Individuais*, Porto Alegre, ARTEMED.
- Magano, Olga (2010), *Tracejar Vidas Normais: Estudo Qualitativo sobre a Integração Social de Indivíduos de Origem Cigana na Sociedade Portuguesa*, tese de doutoramento em sociologia, Universidade Aberta.
- Magano, Olga e Maria Manuela Mendes (2016), "Constrangimentos e oportunidades para a continuidade e sucesso das pessoas ciganas", *Configurações*, 18, pp. 8-26.

- Magano, Olga, e Maria Manuela Mendes (2021), "Structural racism and racialization of Roma/Ciganos in Portugal: the case of secondary school students during the covid-19 pandemic", *Soc. Sci.*, 10 (6), 203, pp. 1-14.
- Marques, João Filipe (2013), "O racismo contra as coletividades ciganas em Portugal: sequelas de uma modernização", em Maria Manuela Mendes e Olga Magano (eds.), *Ciganos Portugueses: Olhares Plurais e Novos Desafios numa Sociedade em Transição*, Lisboa, Mundos Sociais, pp. 111-121.
- Mayall, David (2004), *Gypsy Identities 1500-2000: From Egipcians and Moon-men to the Ethnic Romany*, Londres, Routledge.
- Mendes, Maria Manuela (2012), "Representations about discrimination practices in the education system built by Gypsies (Ciganos) in the Lisbon Metropolitan Area (Portugal)", *SAGE Open*, 2 (1), pp. 1-10.
- Mendes, Maria Manuela, Olga Magano, e Pedro Candeias (2014), *Estudo Nacional sobre as Comunidades Ciganas*, Estudos OBCIG, 1, Lisboa, Alto Comissariado para as Migrações.
- Mendes, Maria Manuela, Olga Magano, e Ana Rita Costa (2020), "Ciganos portugueses: escola e mudança social", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 93, pp. 109-126.
- Ringold, Dena, Mitchell A. Orenstein, e Erika Wilkens (2005), *Roma in an Expanding Europe: Breaking the Poverty Cycle*, Washington, World Bank.
- Rostas, Iulius, e Joanna Kostka (2014), "Structural dimensions of Roma school desegregation policies in Central and Eastern Europe", *European Educational Research Journal*, 13 (3), pp. 268-281.
- Whyte, William Foote (ed.) (1991), *Participatory Action Research*, Califórnia, Sage.
- Zachos, Dimitris T. (2017), "Roma, curriculum, and textbooks: the case of Greece", *Creative Education*, 8, pp. 1656-1672.